



## **NARRATIVAS DE VIDA, IDENTIDADES E USOS DA CULTURA ENTRE PROFISSIONAIS DO JORNALISMO**

Fernanda Rios Petrarca<sup>1</sup>

### **Resumo:**

Este trabalho analisa o processo de formação das identidades profissionais no jornalismo e a importância que assumem os recursos de origem social e as concepções de “cultura”. Os procedimentos metodológicos empregados consistiram na realização de entrevistas biográficas com jornalistas que ocupam posições de chefia em diferentes espaços de atuação do jornalismo. A análise dos relatos de vida permitiu articular, por um lado, a seqüência de posições ocupadas pelo indivíduo durante a vida. Por outro lado, as reconstruções do passado e as visões de si e do mundo remetendo a diversos mundos sociais e formas identitárias. Esse estudo permitiu revelar que um dos padrões de carreira e identidades no jornalismo é representado por aqueles que associam “competência profissional” com “cultura” e origens sociais elevadas.

Palavras-chave: identidades profissionais, narrativas de vida, usos da cultura.

### **Introdução**

Esse artigo analisa as relações entre relatos de vida, narrativas biográficas e identidades profissionais no jornalismo. Parte-se do princípio que as identidades profissionais e as representações do universo profissional são produzidas através do processo de inserção dos indivíduos em múltiplos espaços sociais (família, escola, profissão, etc.) e pela forma como eles constroem percepções e ajustes entre tais espaços. Nesse sentido, os indivíduos desempenham papéis específicos em cada um dos espaços, e a forma como eles ajustam esses papéis permite estruturar sua identidade profissional. Tal artigo faz parte de uma pesquisa mais geral que teve como objetivo analisar o processo de inserção e ascensão profissional no jornalismo, buscando apreender os recursos sociais que pesam para o acesso a carreira jornalística e de que forma determinados recursos contribuem também para certas percepções da profissão. Dessa forma, nesta pesquisa, o universo profissional é percebido como um espaço de

---

<sup>1</sup> Doutora em Sociologia. Vínculo institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: [f.petrarca@uol.com.br](mailto:f.petrarca@uol.com.br).

disputa para definir os recursos legítimos para entrada e crescimento na hierarquia da profissão. Nessas disputas, os agentes comprometem os recursos que acumularam durante seu trajeto social e profissional e que resultam de sua origem social, formação escolar e inserção em outras esferas de atividade (BOIEGOL e DEZALAY, 1997, BOURDIEU, 1984). Assim, para analisar o processo de inserção e ascensão profissional dos jornalistas é preciso incluir uma investigação das esferas sociais nas quais os jornalistas se inserem e como tais inserções permitem, por um lado, adquirir um conjunto de recursos que podem contribuir para o seu crescimento na hierarquia interna do jornalismo e, por outro lado, de que forma contribuem para certas concepções da profissão e para definição do papel do jornalista.

Dentre essas esferas, destacam-se a esfera do trabalho, da família ou afetiva, do engajamento (político, militante) e a própria esfera escolar. Uma esfera de vida é, ao mesmo tempo, objetiva e subjetiva, pois pode tanto ser considerada como um conjunto de interações concretas, contatos e laços que os indivíduos estabelecem, como pode corresponder a uma estrutura de sentido. Essas esferas estão em constante interação e não ocupam o mesmo lugar na vida dos sujeitos. Assim sendo, percebe-se que as concepções e as tomadas de posição dependem do passado do indivíduo, de suas inserções e de suas experiências adquiridas. As identidades são produzidas nesse processo de inserção dos indivíduos em múltiplos espaços e pela forma com que eles constroem percepções e ajustes entre tais espaços. Nesse sentido, as categorias sociais apreendidas por esse processo de socialização em diferentes esferas sociais e no decorrer dos ciclos da vida (níveis escolares, categorias profissionais, posições culturais.), constituem a base para que os indivíduos construam identidades singulares, e procurem impor suas percepções em determinados campos de ação, como o campo profissional, por exemplo, (FILLIEULE, 2005, DUBAR, 1998b, 1998c, PASSY, 2005). Portanto, a trajetória social determina as identificações subjetivas, e como já disse um outro autor: “a pessoa não existe fora dos seus quadros sociais” (ELIAS, 1991).

Desse modo, a investigação a respeito das trajetórias de vida dos jornalistas fornece indícios concernentes aos processos de formação de identidades. Através de tal análise é possível apreender os diferentes espaços sociais em que os jornalistas estão inseridos e confrontar as visões de profissão de que são portadores. O método biográfico permite recorrer as biografias, individuais ou coletivas, construídas segundo modalidades muito diferentes e presentes em pesquisas com objetivo e problemas diversos. A análise biográfica inclui também as múltiplas histórias de vida utilizadas

pelos agentes e instituições para dar um sentido a sua ação profissional (PUDAL, 1994, PENEFF, 1994). Os procedimentos metodológicos adotados, neste estudo, consistiram na realização de entrevistas biográficas com jornalistas que ocupam posições de chefia (chefes de redação, diretores de jornalismo, diretores de redação) em diferentes espaços de atuação do jornalismo. As narrativas biográficas e os relatos de vida tornaram-se fontes principais dos dados, contando ainda com um conjunto de livros e materiais divulgados na internet sobre a biografia de tais jornalistas. A análise dos relatos biográficos tem como problemática a articulação de dois aspectos do processo biográfico. De um lado, eles são reveladores de uma seqüência de posições (sociais, familiares, escolares, profissionais, políticas) ocupadas pelo indivíduo durante a vida em espaços sociais e profissionais diversificados e dos laços que os indivíduos estabelecem, os quais permitem a acumulação de recursos variados. De outro, eles expressam reconstruções do passado e revelam visões de si e do mundo remetendo a diversos mundos sociais e formas identitárias<sup>2</sup> (DUBAR & TRIPIER, 1998a). Desse modo, é possível compreender a percepção da profissão através da análise de ambos aspectos que envolvem uma trajetória individual, considerando tanto as posições objetivas como as formas utilizadas pelos indivíduos para falar sobre si mesmo durante uma entrevista.

Neste trabalho duas questões principais serão abordadas. Por um lado, trata-se de considerar no processo de formação das identidades e representações profissionais os recursos sociais que os jornalistas utilizaram para ascender profissionalmente. Por outro lado, de que forma nas narrativas de vida profissional do conjunto dos jornalistas certas “qualidades pessoais” são apresentadas como justificativa para ascensão profissional e que legitimam a atual posição ocupada no jornalismo. As definições dessas qualidades remetem às mais diversas esferas (universidade, sindicato, partidos políticos, redação jornalística, família) e recursos sociais (competência profissional, militância estudantil e partidária, formação cultural). Tais “qualidades” e recursos sociais são utilizados para a inserção profissional e correspondem a padrões distintos de associações, contribuindo para formar identificações distintas com o jornalismo.

## **Origens Sociais, Capital Cultural e Competência Profissional**

---

<sup>2</sup> Este termo é utilizado tal como definido por Dubar (2006) e diz respeito a tipologias construídas pelo pesquisador para dar conta dos tipos de argumentação e da distribuição dos esquemas discursivos utilizados pelos atores no processo de reconstrução da “imagem de si” em uma entrevista biográfica. É uma forma de compreender como os atores “narram sua vida” e sua história de sucesso profissional.

Em função das limitações deste texto e dos objetivos específicos que o norteiam, será apresentado um dos padrões de ascensão na carreira jornalística e de identificação com a profissão que tiveram como a principal base de recursos profissionais os de origem social elevada e que corresponde, particularmente, a um conjunto de jornalistas que associam suas “competências profissionais” com a bagagem cultural proporcionada pela família e com aquilo que eles denominam de “cultura trazida de casa”<sup>3</sup>.

Neste caso, torna-se fundamental abordar a forma como tal bagagem cultural é produzida e sua associação com a posição social de origem. O capital cultural, tal como denominou Bourdieu (1979, 1998), está associado às origens sociais dos indivíduos e as posições ocupadas no espaço social, uma vez que depende também do acesso a capital econômico. Contudo, o capital cultural pode existir sobre três formas principais. A primeira é o estado incorporado, que se manifesta sob a forma de disposições, como princípio de agir e pensar. A segunda é o estado objetivado, manifestado sob a forma de bens culturais, tais como livros, quadros, obras de arte. E por fim, o estado institucionalizado, sob a forma de títulos e certificados escolares. Dessa forma, algumas instituições participam deste processo de acúmulo e posse de capital cultural. Destacam-se neste processo, a família e a escola. A primeira é responsável pela transmissão da herança familiar e das diversas formas de capital (econômico, social, cultural). A segunda, pela distribuição e institucionalização de um tipo específico de capital cultural: o título escolar. Entretanto, é importante ressaltar que o capital cultural só existe enquanto um capital ativo, ou seja, como um recurso que pode ser apropriado pelos agentes e mobilizado em situações diversas como arma e objeto de luta na ocupação de posições em campos de produção variados (BOURDIEU, 1998). Nesse sentido, ele pode se converter em um recurso nas lutas por postos no interior dos espaços profissionais.

As origens sociais elevadas, as relações familiares e a bagagem cultural proporcionada pela família tornaram-se elementos importantes na composição do conjunto de jornalistas que atualmente ocupam posições de direção na chamada “grande imprensa”, constituindo-se, desse modo, como um recurso nas estratégias de distinção

---

<sup>3</sup> Ao total somaram-se 46 entrevistas e foram definidos três grandes padrões de associação e reconversão de recursos diversos em posições profissionais. Um primeiro padrão consiste naqueles jornalistas que tem como principal base de recursos os de origem social elevada, correspondendo a um total de 11 casos dos 46. Os principais postos ocupados são, sobretudo, os de editores, chefes e diretores de redação. Um segundo modelo consiste na combinação entre os recursos obtidos através do intenso investimento nas redações jornalísticas e aqueles proporcionados pelo espaço escolar, correspondendo a um total de 15 casos. Destacam-se, nesse caso, postos em assessoria de imprensa e redações jornalísticas. E por fim, aqueles jornalistas que tem como principal base de recursos aqueles obtidos através da militância política e partidária, correspondendo a 20 casos. As principais posições ocupadas por tais jornalistas estão mais diretamente relacionadas a universidade, entidades de classe e assessorias de imprensa públicas.

profissional. As origens sociais contaram para este grupo de jornalistas, sobretudo, por duas questões fundamentais. Por um lado, ela possibilitou o acesso a uma rede de relações que podem ser mobilizadas em situações diversas, por outro lado, ela proporcionou o acesso a bens culturais e simbólicos.

Os dados coletados mostram que, dentro do universo analisado, é entre os jornalistas que ocupam posição de direção no interior dos veículos mais reconhecidos de “grande imprensa” que se encontra o maior número daqueles que possuem uma origem social elevada. Uma das maneiras de medir tal origem é com base em alguns indicadores, como profissão e nível de escolaridade dos pais e avós. Entretanto, na carência de informações sobre os avós, o trabalho contou apenas com dados a respeito dos pais, o que permitiu, ainda que precariamente, dar uma visão geral sobre a posição social de origem. Do total de 46 entrevistas realizadas, apenas 13 possuem pais com curso superior completo. Destes 13 pais, 8 são pais de diretores de redação. Com relação às mães, do conjunto total dos 46 jornalistas, 6 possuem mães com curso superior completo, sendo que deste conjunto 5 são mães de diretores de redação. Quanto à profissão do pai, destaca-se político, militar e profissional liberal (advogado, médicos).

Além do fato de os pais com formação superior completa representarem os diretores de redação, é preciso associar esse dado à empresa à qual esse diretor está vinculado. A empresa que aparece como compondo o quadro de diretores, cujos pais são, na maioria, diplomados, é a RBS<sup>4</sup>. Dos cinco casos que representam diretores de jornalismo cujas mães têm curso superior completo, três são de diretores da RBS. E dos oito casos de diretores, cujos pais têm curso superior completo, cinco são de diretores da RBS. Isso indica que quanto maior a posição ocupada pela empresa no ramo das comunicações, maior são os níveis de formação escolar e profissão dos pais de seus diretores. Cada espaço de atuação jornalístico funciona como um espaço de relações concorrenciais que produzem efeitos de seleção social diferenciados. No espaço das redações as propriedades sociais dos jornalistas elevam-se conforme o valor do posto ocupado. Assim, a seleção social para ocupar o cargo de diretor de redação prioriza determinadas propriedades para o exercício da função que são obtidas através de uma posição de origem social elevada. Contudo, essa relação não é direta e tende a sofrer

---

<sup>4</sup>A “Rede Brasil Sul”, afiliada da “Rede Globo” de televisão no Estado, hoje é uma das maiores redes de comunicação da América Latina e conta com diversas filiais em todo o Rio Grande do Sul e ainda em Santa Catarina. Possui um complexo de emissoras de rádios AM e FM, bem como canal de televisão aberto e a cabo, e ainda dois jornais impressos diários produzidos na cidade de Porto Alegre (“Zero Hora” e “Diário Gaúcho”). A RBS é também a empresa que mais emprega jornalistas no estado do Rio Grande do Sul.

uma variação conforme a posição que a empresa jornalística ocupa no mercado de serviços jornalísticos. Quanto maior a posição da empresa, mais intensa torna-se a relação dos altos cargos dos jornalistas com o grau de escolaridade dos pais e mais importante tornar-se-ão as origens sociais altas como um recurso para ocupação de certos postos.

Mas é preciso associar esses dados às concepções e maneiras próprias de perceber a importância da família e das origens sociais elevadas para o percurso profissional e para o exercício dessa atividade. Em síntese, é preciso considerar as origens como recurso nas disputas pela construção de imagens do profissional “bem sucedido” e dos princípios de legitimação dos postos e cargos. Assim, interessa neste texto o problema da relação entre as concepções a respeito da importância das origens sociais e da posse de uma “bagagem cultural” e os usos que podem ser feitos delas. Isto é importante porque não é apenas a condição de pertencer a determinada posição social que está em pauta, mas sim os códigos que dão sentido a uma interpretação interessada das posições sociais. O relato dos diretores de jornalismo e editores-chefe valorizam, mais do que a formação escolar e o diploma, ou seja, o capital cultural institucionalizado, a formação proporcionada pela família. Essa valorização é apresentada tanto como critério importante para justificar a escolha pelo jornalismo como para justificar o atual posto ocupado na profissão. As experiências proporcionadas pela família, tais como o acesso a livros, revistas, cinema e jornais de todos os gêneros e o domínio da língua culta aparecem associados ao gosto pela leitura e pela escrita como uma questão fundamental que os encaminhou para o jornalismo. Portanto, quando esses jornalistas apontam os motivos que os levaram à escolha pelo jornalismo, eles estão na verdade apontando os elementos que contam para se tornar jornalista e que dependem de uma “cultura familiar”.

Além disso, as origens sociais elevadas tornam-se importantes recursos para promover e contratar novos jornalistas. Esses diretores, dentro dos veículos em que trabalham e pela posição que ocupam, estão diretamente envolvidos nas contratações de novos jornalistas e nas promoções internas, só para citar um exemplo, como ser promovido de editor para editor-chefe ou de repórter para editor. Soma-se a isso o fato de que esses diretores têm uma origem social mais elevada, em função dos indicadores objetivos como escolaridade do pai e da mãe e respectivas profissões. Durante as entrevistas, quando questionados sobre essas contratações, eles revelam que a formação

cultural transmitida pela família não só foi importante em seus trajetos como é muito valorizada na avaliação de outros jornalistas.

Ao ser questionado sobre a situação atual do jornalismo, o jornalista, cujo fragmento de entrevista é citado abaixo, relata a importância da família para o exercício do jornalismo e para a formação de certas qualidades essenciais nessa profissão.

(...) Me preocupa um pouco essa memória do que foi a realidade. Isso é preocupante no jornalismo como um todo, ou seja, a falta de memória. (...) E isso passa por casa, passa por uma história de família, passa por tu cultivar na tua casa a informação e o conhecimento. Tu não aprende a ler na faculdade, tu não aprende ser curioso na faculdade, tu aprende na vida (...) Eu me lembro muito, eu sempre uso muito isso. Na minha casa, nunca faltou jornal e tudo que fosse cultura. O meu avô era um alemão e como todo alemão ele cultivava muito essa coisa da cultura, da informação. Eu nunca esqueço uma frase do meu avô que me marcou vida inteira. O vó dizia assim: para os meus filhos e para os meus netos pode faltar roupa nova, pode faltar o carro novo, pode faltar o dinheiro para ir numa festa, para comprar o refrigerante, só não falta dinheiro para bons colégios e para bons livros. E eu acho que isso é regra, entendeu. Se você não tem uma formação muito forte e não tem isso como crença. Eu, por exemplo, dou de presente para meus filhos, seguidamente, livro... Lá em casa não falta TV a cabo, não faltam jornais, não faltam revistas, não faltam livros, não faltam DVDs. Eu acho que isso é uma coisa que tu cria dentro de casa. (...) Eu recebi aqui uma menina, hoje é uma excelente editora, nunca mais esqueço. Ela chegou aqui e disse para mim e eu perguntei como era a história profissional. Ah! Eu sou recém-formada, me formei recém um ano e tal, mas assim que eu me formei eu não procurei emprego aqui. Mas porque não procuraste? Porque tinha uma curiosidade enorme de conhecer o mundo. Então eu peguei um avião e fui morar em Londres. Pô, essa guria tem uma formação (...). Fui morar em Londres, morei em Londres um ano e pouco, estagiei na Globo, não sei o que, mas eu nem queria ouvir o resto que ela tinha feito. O simples fato de ela ter me dito que ela foi para fora e que buscou o caminho de conhecimento já tá dito tudo, ela não é uma pessoa comum (...). E a guria ganhou vários prêmios aqui dentro, tem dois anos de casa e já ganhou vários prêmios.

A tão importante memória para o exercício do jornalismo e a capacidade de fazer abstrações requer um conhecimento intelectual que, nesse caso, não é obtido na escola, mas na família, seja através do convívio com figuras ilustres, seja através do acesso à cultura, de forma geral, proporcionados por livros, por música e por viagens ao exterior. Assim, o mercado jornalístico reforça e reproduz a capacidade do jornalista de se comunicar conforme os padrões da cultura dominante. Os relatos abaixo, de uma editora e de um diretor de redação, sobre o processo de seleção de jornalistas e o valor do diploma, ilustram a importância da socialização familiar para a entrada e para o crescimento na hierarquia interna do jornalismo.

(...) O jornalista não é escolhido apenas pela sua capacidade técnica, seu currículo, ele é 50% ou mais escolhido pelo que ele é como pessoa (...) A nossa seleção é uma peneira maluca (...) A gente faz provas tradicionais de conhecimentos gerais, inglês, português, tem também prova de ética (...) Com situações de tomadas de decisão e ele tem que escrever o que faria. Essa é a primeira peneirinha. Depois as pessoas entram aqui como estudantes ainda e fazem tarefas auxiliares, do tipo ser *office boy* porque enquanto estudantes não podem escrever matérias (...) para vivenciar essa coisa da redação. Aí a gente vai percebendo quem é quem: a postura da pessoa, os valores da pessoa, o comportamento dela diante de situações (...). Então a pessoa que não tem um comportamento exemplar na questão de responsabilidade, de ética, de princípios, de

valores, ela não chega até a redação (...) Essa questão técnica de ser jornalista é fácil de ensinar para uma pessoa. Muito mais difícil é uma pessoa que tenha informação suficiente, cultura suficiente, todo esse *background* de formação que a gente estava falando e que isso não se aprende na faculdade (...).

Nota-se que a definição de “como o jornalista é como pessoa”, considerada fundamental para o exercício da profissão, passa pela família e pelo que essa lhe transmite e lhe possibilita em termos de acesso a certos recursos. A atitude jornalística, o comportamento diante de situações determinadas e a responsabilidade correspondem a valores que se aprende na família e que só podem ser obtidas por uma posição social elevada. O relato abaixo intensifica esse tipo de visão.

(...) Uma coisa interessante que talvez seja um objeto de estudo, não sei se já te caiu a ficha, em relação a isso é que o jornalista hoje, pelo menos nas redações formais, o grau de exigência para entrar na redação, de formação (...). Então eu exijo que seja bilíngüe, o cara pós-doutorado não sei das quantas não exige isso, mas a formação tem que ser muito mais forte hoje do que era no meu tempo, por exemplo. O que acontece com isso? A redação tem pessoas muito mais qualificadas hoje na sua formação (...) Claro que nas pessoas mais qualificadas possíveis você acaba tendo, sobretudo nos níveis iniciais, pessoas que estudaram no “Anchieta”, fizeram intercâmbio nos Estados Unidos, foram estudar na UFRGS. Começa a ter cada vez mais (...), a tendência das classes médias, médias altas de entrar nas redações passa a ser maior (...) então as pessoas que entram não estão necessariamente em busca de salários altos, claro que nada contra, mas são pessoas que são filhos de psiquiatras, vários filhos de médicos, desembargadores que foram fazer jornalismo e que de olhos fechados na avaliação e na seqüência de baterias melhor português, melhor isso e mais qualificados.

A família possibilita não só os meios econômicos necessários para se ter acesso à língua culta, a cursos de língua estrangeira, intercâmbio no exterior, estudar em escolas conceituadas e de prestígio social, mas também um comportamento específico diante do jornalismo que exige uma postura de origem, uma formação cultural, um *background*, obtido, sobretudo dentro da família. A herança familiar e cultural passa a ser um dos critérios utilizados para entrar em certas empresas e setores do jornalismo. A atitude exigida do jornalista diante dos problemas específicos da profissão, nesse ponto de vista, requer um comportamento especial e um caráter que se aprende na família. Os padrões de avaliação de um “bom jornalista” estão associados a uma “cultura de origem elevada” que define em quem se pode confiar. Tal cultura garante uma seleção entre membros de um mesmo grupo social. A família e a posição de origem definem o crédito social do indivíduo, sua reputação e também estrutura os seus recursos sociais, servindo como uma garantia de seleção entre iguais. Assim, a valorização das origens altas constitui uma estratégia de selecionar membros de um mesmo grupo social e excluir aqueles que não possuem tais origens e que, por sua vez, estão fora desse grupo social (WOLF, 2003). Entretanto, essa não é apenas uma estratégia de reprodução destinada a

conservar a ocupação de certas posições a um grupo, mas consiste em uma maneira de conservar e manter os critérios de ascensão e os recursos fundamentais para ocupação de certos postos. Essa é uma estratégia para determinar “aqueles que são dignos de entrar num grupo, de fazer parte do grupo, de fazer o grupo” (BOURDIEU, 1984, p.80).

Essas informações a respeito das origens sociais e das percepções que se tem delas permitem salientar a relação entre origens sociais e posição ocupada no jornalismo, pois as origens sociais mais altas correspondem aos cargos de diretores de jornalismo e chefes de redação e são estes jornalistas os que mais valorizam, nas promoções internas e nas contratações, “a cultura trazida de casa”. Contudo essa relação não é direta, mas associada a ela estão os veículos aos quais estão vinculados os respectivos diretores. Existe, então, uma relação entre as origens sociais elevadas, a posição ocupada no jornalismo e a posição que o veículo ocupa no conjunto das empresas do ramo. Tais informações permitem afirmar que quanto maior a empresa mais as origens sociais elevadas serão relevantes para ocupar postos de direção de jornalismo. Nesse sentido as origens sociais elevadas tornar-se-ão um recurso a mais para entrada e para a ascensão de postos em tais empresas.

### **Formas Identitárias e a Importância da “Cultura Trazida de Casa”**

Uma das modalidades de investimento no jornalismo é representada por aqueles que fizeram carreira em redações jornalísticas e que cresceram na hierarquia interna das redações, passando de repórter, a redator, editor, editor-chefe, chefe de redação e diretor de redação. Por um lado, em muitos desses casos, as origens elevadas possibilitaram um primeiro contato com o universo jornalístico, servindo assim como um recurso de acesso ao meio. Por outro lado, as percepções que se têm das origens sociais elevadas, de maneira geral, e a valorização atribuída a alguém que estudou em escolas particulares de prestígio, ou que fez intercâmbio e viagens ao exterior, revelam a valorização de certos recursos que podem ser obtidos principalmente por uma posição de origem elevada. A transmissão da herança familiar ocorre mediante diversos tipos de capital, como o econômico, através do patrimônio e bens materiais; cultural, possibilitando acesso a escolas de prestígio e consumo de bens culturais (cinema, teatro, revistas, jornais); simbólico, através do prestígio e consagração social, possibilitado pela posição de origem e também o capital social através de uma rede de relações com pessoas de prestígio.

Um dos casos mais ilustrativos do conjunto dos analisados para demonstrar de que forma as origens sociais elevadas tornam-se trunfos no acesso ao jornalismo e a ascensão profissional é o de um dos diretores de uma das maiores empresas de comunicação no Rio Grande do Sul. Seu itinerário permite vislumbrar a relação entre origens sociais, formação escolar e inserção profissional. Nascido na capital do estado, esse jornalista vem de uma família, do interior do Rio Grande do Sul, de fazendeiros, de médicos, de militares, de empresários e de alguns políticos. Do lado materno, avós e tios fazendeiros e médicos. Seu avô materno era médico e seu bisavô fazendeiro, segundo ele, um fazendeiro que falava quatro línguas, o que já de início demonstra acesso das gerações mais antigas da família à cultura. Do lado paterno, militares, empresários e alguns tios políticos, que conquistaram inclusive o posto de Ministros de Estado. Com nove anos de idade já havia viajado para fora do país e conhecido a *Disneyland World*. Sua formação escolar ocorreu em uma escola apenas: “Nossa Senhora do Rosário”, escola marista da capital, onde haviam estudado seu pai, seu avô e seu bisavô.

Cursou a graduação em jornalismo na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul concomitante ao curso de Direito na Universidade Luterana do Brasil, esse último não concluído. Durante seu curso de jornalismo, nos dois primeiros anos, participou das atividades do diretório acadêmico na qualidade de dirigente e de coordenador e do centro acadêmico do curso de jornalismo, momento em que também exerceu militância político-partidária. O abandono de tal militância aparece associado, em seus relatos, à entrada no mercado jornalístico e ao exercício da profissão, afirmando que militância política e jornalismo são duas atividades incompatíveis. Em um dos seus relatos, ele conta que quando começou a exercer o jornalismo “abriu os olhos”, e percebeu que o jornalismo deve ser exercido sem filiação e vinculação partidária.

A percepção da militância necessitou de um novo redirecionamento e precisou ser repensada a partir do momento em que se inseriu no mercado de trabalho jornalístico e se distanciou do movimento estudantil. Tal redirecionamento levou-o a negar a própria inserção na esfera da militância político-partidária e a dar uma nova definição ao trabalho jornalístico que incluía isenção, objetividade e nenhuma forma de inserção político partidário, nem mesmo as formas diversificadas que podem conduzir ao associativismo. Caso essas práticas político-partidárias sejam exercidas precisam ser ocultadas, o que por si só pode gerar um perigo para aqueles que ocupam cargos de

direção, como é o seu caso. Para tanto, citou como exemplo o fato de que ninguém sabe que ele, atualmente, ajuda uma entidade para menores, pois isso poderia provocar entidades diversas a tentar um auxílio da empresa ou ser usado contra ele por outros jornais na concorrência. Além do auxílio a essa entidade, afirma que sua participação está mais voltada para os projetos de responsabilidade social promovidos pela empresa, com os quais se envolve diretamente.

Contudo, é preciso considerar que as experiências passadas são interpretadas à luz da situação atual em que se encontra o ator social, visto que nunca se volta a uma situação vivida (PASSY, 2005). Isso significa dizer que a atual posição ocupada no jornalismo (diretor) exige certas atitudes que predispõem a reconstruir o sentido do engajamento estudantil e partidário. É preciso considerar ainda que o afastamento do centro acadêmico e do partido político no momento da entrada no mercado do trabalho o fez ativar novos contatos no interior das redações e desativar os antigos, deixando o engajamento estudantil e partidário de ocupar um lugar de destaque na sua vida. Sua atividade militante durou apenas o período da graduação sem ser reativada ao longo da sua carreira profissional. Mas é importante relacionar esses fatos com a visão de “militância”. O rompimento com a militância é o resultado da distância do partido político ao qual estava filiado, o que se faz compreensível, uma vez que a sua fala revela uma percepção da militância diretamente associada à inserção em partidos políticos.

Esse jornalista entrou no mercado jornalístico durante a graduação como estagiário não-remunerado na TVE. Depois do estágio, perto do final da sua faculdade, resolveu trancar o semestre para ir à Europa, onde ficou durante seis meses com um grupo de amigos. Quando retornou terminou a faculdade e conseguiu em seguida uma oferta de emprego na RBS no ano de 1985. Começou nesta empresa como assistente de edição, por meio do convite do diretor de redação que era amigo do seu pai. Em seguida, foi promovido a editor-chefe e começou a dar aulas para o curso de jornalismo da PUC, esta última função conquistada por meio de um convite do diretor da faculdade de comunicação da referida universidade. Na empresa jornalística, foi promovido a chefe de reportagem, editou todos os jornais da casa e elaborou e editou projetos especiais. Em 1991, depois de ouvir uma palestra do vice-presidente da RBS sobre incentivos aos funcionários, pediu que esse o ajudasse a organizar uma viagem aos Estados Unidos que estava querendo fazer durante suas férias e que não queria dinheiro da empresa, iria com seus próprios recursos.

Essa viagem rendeu-lhe uma posição diferenciada dentro da empresa, possibilitando o acesso a certas atividades mais destacadas. Depois de retornar, começou a participar de projetos na empresa, representando-a em diversos eventos internacionais e, em 1995, foi convidado para montar o projeto do “Canal Rural”, cabendo-lhe a programação e a equipe. Uma das suas fontes para esse projeto foi um fazendeiro, na época presidente da “Associação Rural Brasileira”, chamado Roberto Rodrigues, Ex-Ministro da Agricultura. Roberto Rodrigues, inicialmente uma fonte, passou a integrar a equipe do “Canal Rural”, ajudando a elaborar o projeto e, como afirma o jornalista, a “abrir muitas portas”, uma vez que tal ministro possuía uma ampla rede de contatos. Depois desse projeto foi convidado à direção de jornalismo na empresa. Como diretor fez um mestrado profissionalizante para administração de empresas, denominado MBA.

Com 42 anos de idade e ocupando o posto mais alto que um jornalista pode chegar dentro de uma redação desde os 32, esse jornalista atribui seu crescimento a duas questões principais: a primeira referente ao investimento interno na empresa, colocando-se à disposição para realizar todo tipo de tarefa, aproveitando as oportunidades que apareciam, como a viagem que fez com seus recursos para os Estados Unidos. Para ele, essa viagem lhe rendeu uma posição destacada dentro da empresa, pois além de se colocar à disposição para fazer um relatório dos jornais nesse país, o fez sem necessitar da empresa. A segunda refere-se à formação diferenciada possibilitada pela sua família. Esse diretor considera o seu ambiente familiar “um ambiente de elite” o que lhe proporcionou escolher jornalismo e ser “diferenciado”.

O acesso à cultura, formação, informação, proporcionados pela posição de origem e familiar privilegiada, o faz acreditar que a escolha pelo jornalismo foi uma acontecimento natural, uma vez que, na sua visão, essa atividade exige uma formação cultural que se adquire pelo acesso a bens culturais, como “boas escolas”, livros, cinema, teatro. Essa cultura geral incluiu um conhecimento de história, economia, política, além de um conhecimento da língua oficial, expresso pelo saber escrever, ler e ter acesso a livros.

Um aspecto importante a ser trabalhado na análise das carreiras está relacionado à interpretação que a pessoa constrói quando olha retrospectivamente para seu progresso. Nessa modalidade e, nesse caso mais especificamente, há uma relação entre certos padrões de investimento no jornalismo, em que a posição de origem e a inserção profissional permitiram certo itinerário, e as visões e percepções do passado pelo

jornalista. Essa questão remete aos processos de reconstrução do passado pelos atores sociais, tendo em vista que a pessoa constrói ao longo da vida uma imagem que permite uma percepção de si mesmo que possa expor de maneira útil nas situações cotidianas (GOFFMAN, 1996). Assim, se ela consegue apresentar uma interpretação de sua situação presente, no caso, como chegou a tal posto no jornalismo, que mostre qualidades pessoais favoráveis no passado, pode-se afirmar que a sua história é uma história de triunfo. Isso significa dizer que a história de triunfo, apresentada pelo caso analisado acima, remete a uma interpretação das origens elevadas como condição para o progresso profissional. A questão importante a ser destacada diz respeito às qualidades que foram mencionadas como relevantes para ascender profissionalmente e que estão diretamente vinculadas a qualidades associadas às origens sociais privilegiadas. A vitória profissional está relacionada a características que se obtém por uma determinada posição de origem, acesso à cultura (por meio de livros, de jornais), “boas escolas”, etc. Há uma forte vinculação com as origens sociais elevadas e, conseqüentemente, com os esquemas através dos quais elas são interpretadas.

Além de afirmar que sua ascensão ocorreu em função da sua formação familiar, ele assegura que o que conta para crescer na hierarquia interna das redações é ser diferenciado, ter uma qualificação a mais, informação, liderança, disponibilidade para exercer qualquer atividade dentro da empresa. Um crescimento que necessita de uma associação entre “competência profissional” e investimento interno às redações e a “cultura trazida de casa”. Esse jornalista representa um dos casos em que o que contou, para entrada e crescimento na hierarquia do jornalismo, foi a combinação das suas origens sociais altas com investimento interno ao jornalismo. Esse último se consolida no espaço das redações, das empresas de comunicação, mas também com fontes que podem render uma boa matéria ou um bom projeto e que são externas ao jornalismo, como foi o contato com Roberto Rodrigues para elaboração do projeto do Canal Rural. Nesse projeto, é possível perceber uma combinação entre as origens, uma vez que seu contato com o universo rural é herdado de seus avós e pais, ambos fazendeiros, e um investimento forte nos projetos da empresa, manifestado pelos contatos com a direção. O sucesso nessa combinação rendeu-lhe não só o posto de diretor de jornalismo da empresa, mas uma ampla rede de relações. Em função dos investimentos anteriores e da própria função que desempenha atualmente na empresa, seus contatos diversificaram-se e adquiriram nova importância, tendo em vista que ocupar um posto de direção implica em estabelecer vínculos com pessoas que ocupam posições elevadas na hierarquia

social, tais como: empresários, ministros, governadores, presidentes de associações, etc. Essa ampla rede de relações e contatos o faz acreditar que não corre o risco de ficar desempregado, pois, como ele mesmo afirma “tenho um *network* muito grande em função do meu trabalho e já recebi várias propostas”. Tais propostas não se limitam ao espaço das redações, mas extrapolam o jornalismo, podendo atingir assessorias e consultorias a empresas diversas. A qualquer momento ele pode acionar esses contatos para diversificar e ampliar os espaços de atuação profissional.

Esse itinerário permite ressaltar duas questões principais. A primeira delas refere-se aos usos das origens sociais para ingressar no jornalismo e conquistar novos espaços de atuação. Já a segunda delas configura as tomadas de posição e visões sobre o próprio passado e sobre o jornalismo que reforçam a importância das origens sociais para adquirir uma posição de destaque na profissão. Essas questões implicam em considerar que a origem social elevada não representa apenas uma posição no espaço social e uma condição culturalmente dominante, mas ela permite o acesso a um conjunto de recursos, contatos e a aproximações com pessoas que podem ser acionadas durante o trajeto profissional. Mais do que a posição social de origem, trata-se, neste caso, de dar conta das esferas de atuação, nas quais se inserem os jornalistas, possibilitadas pelas origens privilegiadas e, ainda, dos esquemas através dos quais elas são interpretadas.

Este trabalho permitiu mostrar que a identidade é fruto de um trabalho de representação de si e do mundo inscrito em uma trajetória e resultado de um processo de socialização. Nesse processo o indivíduo faz uso de determinadas características e recursos sociais que envolvem uma “transfiguração” e que ocorre por meio de um processo no qual se impõem certos princípios de classificação (GAXIE, 1990). Contudo, como se pode perceber no caso dos jornalistas analisados, há várias maneiras das condições sociais se converterem em recursos nas estratégias biográficas. Uma delas é o domínio da língua culta, as habilidades lingüísticas e o acesso a viagens ao exterior, as quais se constituem “moedas” que permitem recompensas no mercado profissional. Tais recursos são característicos daqueles que apresentam uma socialização na cultura dominante por meio da família e da escola. Uma outra maneira das origens se transformarem em recursos é no domínio das relações sociais, por meio de amizades com pessoas situadas nas posições mais elevadas da hierarquia social. Isso depende da formação cultural do indivíduo.

## Referências Bibliográficas

BOIGEOL, A. e DEZALAY, I. De l'agent d'affaires au barreau: conseils juridiques et la construction d'un espace professionnel. **Genèses**, n. 27, p. 49-68, juin, 1997.

BOURDIEU, P. La Distinction: critique social du jugement. Paris, Col. Les sens Commun, Les Editions de Minuit, 1979.

\_\_\_\_\_. **Homo Academicus**. Paris, Editions de Minuit, 1984.

\_\_\_\_\_. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A (org). **Escritos de Educação**. Petrópolis, Vozes, 1998, p. 71-19.

DUBAR, C. & TRIPIER, P. **Sociologie des Professions**. Paris, Armand Colin, 1998a.

DUBAR, C. **La Socialisation**. Paris, Armand Colin, 1998b.

\_\_\_\_\_. Trajetórias Sociais e Formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. **Educ. Soc.** [online]. Abr. 1998c, vol. 19, n. 62, p.13-20. Disponível na World Wide Web: [www.scielo.br](http://www.scielo.br). Acesso em 10 de dezembro de 2006.

ELIAS, N. **La société des individus**. Paris, Fayard (trad.), 1991.

FILLIEULE, O. Temps biographique, temps social et variabilité des retributions. In: FILLIEULE, Olivier (org.) **Le Desengagement Militant**. Paris. Edition Belin, 2005, p. 17-47.

GAXIE, D. et al (org.). **Le "Social" Transfiguré**. Sur la representation politiques dès préoccupations "sociales". Paris, Presses Universitaires de France, 1990.

GOFFMAN, Evering. A Carreira Moral do Doente Mental. In: **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1996, p. 111-143.

PASSY, F. Interactions Sociales et Imbrications des Sphères de Vie. In: FILLIEULE, Olivier (org.) **Le Desengagement Militant**. Paris. Edition Belin, 2005, p. 111-130.

PUDAL, B. Du biographique entre "sciences" et "fiction". Quelques remarques programmatiques. *Politix*, n. 27, 1994, p 5-24.

PENEFF, J. Les grandes tendances de l'usage des biographies dans la sociologie française. *Politix*, n. 27, 1994, p. 25-31.

WOLF, E. Parentesco, amizade e relações patrono-cliente em sociedades complexas. In: **Antropologia e Poder: Contribuições de Eric R. Wolf**. São Paulo, Unicamp, 2003, p-93-112.